



Humor nos periódicos paulistanos: O Diabo Coxo (1864-1865) e o Cabrião (1866-1867)¹

Brás Ciro Gallotta²

Professor Doutor em História Social

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP

Resumo

Trata-se de um estudo sobre os primeiros periódicos humorísticos e de caricaturas em São Paulo, O Diabo Coxo (1864-1865) e o Cabrião (1866-1867) e da constituição de narrativas e estratégias de linguagem produzidas por cronistas, jornalistas e pelo caricaturista Angelo Agostini. Analisando estas publicações, evidencia-se uma percepção social mais intensa do viver urbano, explorando o momento de transição e transformação de vila tropeira para metrópole do café e os impactos de novas tecnologias simbolizadas, principalmente, pela inauguração da Estrada de Ferro São Paulo Railway Company. O sucesso desses domingueiros deve ser analisado não só pelo pioneirismo da caricatura na imprensa paulista, mas também, pela introdução de uma narrativa urbana constituída por uma escrita mais ágil, irreverente, atrelada a caricatura e calcado nas percepções sociais do momento.

Palavras-chave: Caricatura; História da imprensa; História de São Paulo; Humor

O surgimento de uma narrativa humorística em periódicos paulistas confunde-se com a da história da imprensa paulista e com fundação da Faculdade de Direito, também, conhecida como Academia de Direito em 1828, onde se organiza a cidade letrada, “o burgo de estudantes”, assim denominado por alguns historiadores.

A sua presença trouxe importantes transformações para a pacata cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XIX, não só no que se refere à estrutura física, mas cultural e socialmente. A presença de estudantes vindos de diversas regiões do Brasil alterou os modos de vida da cidade

¹ Trabalho apresentado ao GT 1 – História do Jornalismo, do V Congresso Nacional de história da mídia.

² Professor doutor em história social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de História do Brasil, com ênfase em história da imprensa e da caricatura. Trabalhou na reorganização da Hemeroteca Júlio

É interessante observar que nesse momento “o funcionamento do curso jurídico passa a articular outros espaços da cultura letrada, tais como casas livres, sociedades literárias, bibliotecas”. Surgem as primeiras tipografias da cidade, “saem jornais políticos e revistas acadêmicas que articulam as discussões da elite letrada da província e constituem esforços para o estabelecimento da imprensa periódica paulistana. Essas folhas e revistas acadêmicas constituíram-se nos principais produtos das práticas letradas no período”.³ Incluem-se, também, os primeiros jornais denominados que se humorístico ou que abrem espaço para este tipo de narrativa.

Durante a elaboração de minha tese de doutorado, *São Paulo aprende a rir, a imprensa humorística entre 1839-1876*, foi possível identificar a existência de aproximadamente vinte e seis títulos, conforme segue abaixo no quadro demonstrativo.

QUADRO 1 – PERIÓDICOS CONSIDERADOS HUMORÍSTICOS

Ano – título característica
1839 – <i>O Pensador</i>
1841 – <i>O Escorpião</i>
1850 – <i>O Meteóro</i>
1864 – <i>Diabo Coxo</i> – litografia
1866 – <i>Cabrião</i> – litografia
1869 – <i>O Anhanguera</i>
1873 – <i>A Coruja</i>
1875 – <i>O Fotografo</i> – litografia
1875 – <i>O Coaracy</i> – litografia
1876 – <i>O Polichinelo</i> – litografia
1877 – <i>Cipó Lactescente</i>
1880 – <i>O Binóculo</i>
1881 – <i>A Comédia</i>

de Mesquita. Foi professor de graduação e pós-graduação do Centro Universitário Senac e de graduação na Universidade Ibirapuera. E-mail: brasciro@yahoo.com.br



1881 – <i>Entr' Acto</i>	–	litografia
1881 – O Boêmio	–	litografia
1882 – O Arado		
1885 – <i>O Canudo</i>		
1886 – <i>O Meteóro</i>		
1887 – <i>O Bilontra</i>		
1887 – <i>A Farpa</i>		
1887 – <i>A Tesoura</i>		
1887 – <i>A Vida Semanária</i>	–	Litografia
1888 – <i>O Escandalo</i>		

No período anterior ao aparecimento do *Diabo Coxo e o Cabrião*, os periódicos que abriam espaço para a narrativa humorística caracterizavam-se como pasquins, não somente pelo conteúdo, mas pela diagramação, formato pequeno, em média 22 X 30, semelhante a livros e folhetos e também pela existência efêmera e momentânea.

Na verdade, só o tempo permitirá à imprensa a constituição de uma área de atuação e de características específicas, de influências, de fisionomia própria dos produtos impressos, enfim. O que observamos na análise destes periódicos é a busca por novas formas de comunicação e expressão, num cenário de lutas políticas acirradas da Regência e início do segundo Reinado. É nesse contexto que a narrativa de humor, assim como outras narrativas derivadas da mesma ou que se misturam a elas, entra em cena e se coloca como instrumento de lutas partidárias. Mas, não pára por aí. Esta narrativa busca outros campos de atuação: o viver urbano.

Estas tentativas classificatórias de uma imprensa humorística, advinda dos primeiros estudiosos do assunto⁴, parecem precipitadas, pois não há elementos plausíveis

³CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta periodismo e vida urbana -1890-1915*. São Paulo, educ/Fapesp, 2000, p. 52

⁴ Estou me referindo a estudos pioneiros no campo da história da imprensa em São Paulo e do Brasil: FREITAS, Afonso A de. *Imprensa periódica em São Paulo*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v.19, p.

para isto. A análise destes jornais, considerados ou não humorísticos, prova que o humor se constitui nesse momento como uma narrativa, uma estratégia de linguagem utilizada pela imprensa nos vários gêneros de escrita, em vários tipos de publicações e em diversas ocasiões, seja pelo pasquim, por folhas avulsas, panfleto e opúsculo. Mas não se apresenta como uma imprensa específica, estruturada e assumidamente humorística.

O Diabo Coxo e o Cabrião confirmam esta tendência que se consolidaria e tomaria uma nova forma, a partir da publicação desses periódicos que já apontam para um humor, agora não mais restrito meramente ao engajamento político partidário. Bem ambientado à cidade, Angelo Agostini⁵ e seus colegas convidam os leitores a ver-se rindo das mazelas da sociedade em transformação.

Em 17 de setembro de 1864 surgia na cidade de São Paulo, o Jornal domingueiro, o *Diabo Coxo*. O nome teria sido influenciado, segundo Cagnin, por

*El Diablo Cojuelo, do escritor espanhol Luiz Velez de Guevara, lhe granjeou, logo ao ser publicado em 1641, um grande sucesso. Mais de um século depois, em 1772 Lesage repetiu-lhe a dose e o tom no romance com o mesmo título e assunto, Le Diable Boiteux. Era Asmodeu, o coxo, o pobre diabo que estava preso em uma garrafa. Libertado por um estudante, concedeu ao jovem o poder de ver, através dos tetos e das paredes das casas, o que se passava com as pessoas no seu interior. Era uma forma cômoda de retratar e satirizar, com espíritosidade, os costumes da sociedade.*⁶

Além desta influência do escritor espanhol, a invenção da litografia teria ajudado na difusão pelos periódicos ilustrados com a imagem do Diabo. Assim, é possível identificar

428, 1914; NOBRE, Freitas. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo: Edição Leia, 1950; SANTOS, Délio Freire dos. *O Cabrião e a imprensa humorística do Império (esboço histórico da caricatura e do jornalismo humorístico)*. São Paulo: s.e., s.d. datilografado; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4^a ed., Rio de Janeiro, Mauad, 1999

⁵ Angelo Agostini. Nasceu em Vercelli, Piemonte, Itália em 1842 ou 1843-1910, pintor, ilustrador, caricaturista. É considerado um dos mais importantes ilustradores e caricaturista do século XIX no Brasil. Iniciou sua carreira em São Paulo com as publicações do *Diabo Coxo* (1864-1865) e do *Cabrião* (1866-1867). No Rio de Janeiro, fundou e participou de inúmeras publicações ilustradas como o *Arlequim* (1868), *A Vida Fluminense* (1869-1871), *Mosquito* (1867-1876), *Revista Ilustrada* (1876-1888), *Gazeta de Notícias* (19004-1905), *O Malho* (1904-1907)

⁶ CAGNIN, Antonio Luiz. *Diabo Coxo, o primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo (1864-1894)* In: D. *O Leitura*, São Paulo, 13(149), out. 1994, p. 3

dezenas de publicações⁷ com este título e não seria de estranhar, como sugere Cagnin, que Agostini tenha sido tentado por um desses Diabos.

Estas influências ficam claramente expressas no cabeçalho de *Diabo Coxo*, no qual se vê o diabo sentado no alto da montanha, ao lado Agostini, apontando o horizonte, ou seja, a cidade de São Paulo.

Neste caso, o Diabo oferece, ao que tudo indica, o poder de ver, de caricaturizar São Paulo para o recém-chegado Agostini, que aceita esta oferta. Pode-se pensar, também, no episódio bíblico da tentação de Cristo que, inversamente, não aceita a oferta do Diabo. Paradoxalmente, o Diabo, o anjo do mal, o rebelde foi tomado, segundo Cagnin, como agente moralizador, representado da figura de Agostini, que fazia críticas da sociedade e dos seus erros, por meio da caricatura e da escrita – *ridendo castigat mores* (rindo, castiga os costumes).⁸

Segundo Cagnin, o impacto da chegada do *Diabo Coxo* foi retratado por uma caricatura de Agostini, falando do

*alvoroço dos leitores diante da redação da Lithographia Allemã para adquirir o número inaugural naquele dia. Um sucesso! Um atropelo! Uma festa! Foi o diabo! O Diabo Coxo, como se chamava o pequeno jornal que movimentou a pequena pacata São Paulo de então.*⁹

A repercussão e o fascínio pela imagem litográfica introduzidas pelo *Diabo Coxo* (1864-1865), marco importante da história da imprensa caricata de São Paulo, ilustrada por

⁷ CAGNIN, Antonio Luiz relacionou diversas publicações com o título aludindo à figura do Diabo, tais como: *Le Diable Boiteux* (Paris), *El Diablo Suelto* (Madri), *El Diablo – Revista Infernal* (Madri), *Le Diable à Paris* (Paris), *Diable Rose* (Paris), *Le Bom Diable* (Paris), *El Diablo Cojuelo* (Madri), *O Diabo Coxo* (Lisboa), *Trinta Diabos Junior* (Lisboa) etc. (op. cit., pp. 14-15).

⁸ CAGNIN, Antonio Luiz. *Diabo Coxo: o primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo (1864-1894)* In: D. O LEITURA, São Paulo, 13(149), out. 1994, p. 3; Segundo, MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo*, p. 257, na segunda metade do século XIX há pensadores que identificam “Lúcifer como um libertador dos povos: “Deus é o Mal, Satã é o progresso, é a ciência”, proclama Calvinhac em 1877(...)”

⁹ CAGNIN, Antonio Luiz. *Diabo Coxo: o primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo (1864-1894)* In: D. O LEITURA, São Paulo, 13(149), out. 1994, p. 2

Angelo Agostini (1843-1910), recém-chegado à cidade de São Paulo, segundo Cagnin o *Diabo Coxo*,

*dava início a uma verdadeira militância na política brasileira, da qual não se afastou até o fim de seus dias, vergastando impiedosamente os homens públicos e a sociedade com suas corrosivas e irreverentes caricaturas, que até e então eram desconhecidas como arma de combate.*¹⁰

A importância do *Diabo Coxo* estaria não só pela introdução da imagem impressa em um periódico, mas pelo fato de os paulistanos encontrarem um espaço para se verem, falarem de si, de sua cidade em tempo real. A fotografia, como bem demonstra o jornal, entrava na vida das pessoas. Era, também, um acontecimento inédito para a cidade. Mas, de disseminação ainda limitada, cara e muito restrita. A caricatura por sua vez pega carona na imprensa que não pára de crescer, não é barata, mas há um público bem maior.

A partir do nascimento do *Diabo Coxo*, os jornais humorísticos assumem outras dimensões, inclusive identificando-se como “jornais domingueiros” buscando no cotidiano da cidade seu principal meio de atuação. Não é à toa que, no final da primeira série do conjunto de acontecimentos ocorridos (os “famosos de Piratininga”) na cidade, são conduzidos por um Diabo, que carrega um estandarte com a estampa do *Diabo Coxo*, oferecida a Lúcifer para “ornar as galerias de seu museu”.

O fascínio pela imagem, trazido pela litografia, representava um avanço tecnológico muito importante para a imprensa paulistana e abria possibilidades de outras formas de comunicação: a caricatura.

*Uma nova categoria de desenhista {surgia}, a do “repórter do lápis”, trazia para o leitor os fatos, as pessoas e coisas distantes no tempo e no espaço. Um milagre proporcionado pela litografia e pelo artista. A litografia democratizou a imagem. Divulgou, difundiu, popularizou.*¹¹

¹⁰ CAGNIN, Antonio. Foi o Diabo! Introdução à edição fac-similar de o *Diabo Coxo*, p.16-17

¹¹ CAGNIN, Antonio Luiz. *Diabo Coxo: o primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo (1864-1894)* In: D. O LEITURA, São Paulo, 13(149), out. 1994, p. 2

Era uma arte lenta, difícil e muito trabalhosa: a arte do século XIX, da qual a imprensa e o humor rapidamente logo se apropriaram. Sobre esta técnica, Raul Pederneiras faz um curioso depoimento:

Todos eles, exímios no crayon litográfico, desenhavam diretamente sobre pesadas pedras, às avessas, para que, na impressão, o resultado aparecesse natural. Tal destreza, tal perícia adquiriam no manejo do lápis que, em poucas horas, davam conta de quatro grandes páginas de alentado formato, cuidadosamente estilizadas. (...) Com a tinta autográfica e a pena de irídio, o artista desenhava o seu trabalho sobre o papel especial, obedecendo ao tamanho exato que deveria ter o clichê, fosse ele de uma polegada. Uma prensa fazia o desenho aderir ao zinco, por um modo semelhante ao das decalcomanias, fixava-se o desenho ao calor do fogo com betume, e, em seguida, a chapa de metal entrava em banhos graduados de água-forte que, roendo o metal, deixavam em relevo os traços do desenho protegidos pela tinta betuminada.¹²

Entre os ilustres colaboradores do *Diabo Coxo* estava o abolicionista Luís Gonzaga Pinto Gama (1830-1882), conhecido por Luiz Gama e Sinzenando Barreto Nabuco de Araújo (1842-1892), irmão de Joaquim Nabuco Agostini, além da colaboração marcante de Américo de Campos (1835-1890) e Bernardino de Campos (1841-1915)¹³. O jornal durou segundo Sodré,

¹² SODRÉ, Nelson Werneck, op. cit., p. 221.

¹³ **Luís Gonzaga Pinto Gama** – Nasceu em Salvador em 21 de junho de 1830 e faleceu em São Paulo em 24 de agosto de 1882. Era filho de uma africana, Luisa Mahin, e um branco da sociedade baiana (jogador que o vendeu a mercadores de escravos, quando ele tinha 9 anos de idade). Nessa condição, foi levado ao Rio de Janeiro e depois para São Paulo, onde aos 17 anos de idade obteve alforria. Abolicionista e republicano, jornalista, soldado da Força Pública, copista, amanuense, escrivão de Polícia, advogado provisionado, poeta satírico e orador, fez da abolição da escravatura o principal objetivo da sua vida. Fundou o Centro Abolicionista e participou ativamente da organização do Partido Republicano de São Paulo. Colaborou nos jornais “Ipiranga” e “Radical Paulistano”. Publicou *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*. *Dicionário de História do Brasil*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976. p. 259; **Sinzenando Barreto Nabuco de Araújo**. Nasceu em Recife em 16 de julho de 1842 e faleceu no Rio de Janeiro em 11 de março de 1892. Filho do Conselheiro José Tomás Nabuco de Araújo e D. Ana Benigna de Sá Barreto. Irmão de Joaquim Nabuco, escritor e político. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Tinha grande atração pelo teatro, querendo ser ator. A essa vontade, opunham-se vários avisos do governo. Mesmo assim, representou em Santo Amaro diversas peças de sua autoria, com grande êxito. Morou, por vezes, no Convento do Carmo, no intuito de fugir aos cobradores. Colaborou no periódico humorístico *Diabo Coxo* (1864-1865). Formado, voltou ao Rio de Janeiro, onde advogou no foro criminal. Foi um dos mais empolgados oradores da Tribuna Judiciária. Foi deputado provincial e geral pela Província de Pernambuco, na 13ª legislatura (1867-1868). MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. Vol. IV, pp. 888-889; **Américo Brasília de Campos** – Nasceu em Bragança em 12 de agosto de 1835 e faleceu em Nápoles, Itália em 28 de janeiro de 1890. Jornalista e diplomata. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1860, sendo promotor público em Itu. Mudou-se para São Paulo, em 1864, sendo colaborador no “Correio Paulistano”, de 1866 a 1874. No final deste ano, passou a redigir junto com Francisco Rangel Pestana, o jornal *A Província de São Paulo*. Em 1884, fundou com Campos Sales e José Maria Lisboa, o *Diário Popular*. Republicano ardoroso foi um dos organizadores da Loja Maçônica América. Foi cônsul brasileiro em Nápoles. É o patrono da cadeira n. 16 da Academia Paulista de Letras. *Dicionário de História do Brasil*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976. p. 109; **Bernardino José de Campos Júnior** – Nasceu em Pouso Alegre em 6 de setembro de 1841 e faleceu em São Paulo em 18 de janeiro de 1915. Político e diplomata. Formou-se pela Faculdade

pouco mais de um ano com interrupções, até o número de 24 de novembro de 1865, revelando o estilo inconfundível de Ângelo Agostini. Foi impossível mantê-lo, pelas dificuldades financeiras. Nele, o extraordinário artista firmou suas posições libertárias, que devem ter contribuído muito para fazer gorar o empreendimento.¹⁴

A partir da publicação da segunda série do *Diabo Coxo*, em 1865, o periódico assume novas feições, tanto de conteúdo (temas abordados) como na utilização de narrativas. Agostini introduz um personagem coadjuvante, Sr. Thomaz, representado por um senhor de cartola, que traz em suas mãos uma rebeca e uma tesoura. Este, em diversos momentos, assumirá o papel de “olheiro” de tudo que está acontecendo nas ruas.

Em outro momento, o Sr. Thomaz assume o papel de articulista com o personagem *Diabo Coxo*, dialogando sobre diversos assuntos como o recrutamento para a Guerra do Paraguai. Ou discutindo a respeito dos problemas da economia advindos deste conflito

Em meados de 1866, Agostini publica um outro periódico do gênero com os mesmos companheiros redatores do *Diabo Coxo*, intitulado *O Cabrião*, 1866-1867. O título e o personagem *Pipelet* estavam sempre presentes em quase todos exemplares litografados. Conduziam os leitores a cabrionar de uma maneira lúdica e crítica os costumes paulistas, as festas de entrudo, às referências sempre irônicas à Guerra do Paraguai, o recrutamento arbitrário dos “voluntários da Pátria”, aos políticos do Império, a corrupção, etc. Ambos os personagens, o Cabrião e o Pipelet, são influências claras da literatura francesa, particularmente do romance de Eugène Sue, *Mistérios de Paris*. Obra que, aliás, foi traduzida e adaptada para muitos países, conforme alude Robert Moses Pechman¹⁵

de Direito de São Paulo, em 1863. Advogado em Amparo, entregou-se à propaganda republicana. Eleito deputado provincial, com a República, foi indicado para a chefia da Polícia. Deputado à Assembléia Constituinte de 1861, a qual presidiu. Foi presidente do Estado de São Paulo em 1892, sendo reeleito em 1902. Foi Ministro da Fazenda, em 1896 e senador federal por São Paulo, em 1902. Foi General-de-Brigada honorário, nomeado por Floriano Peixoto, sendo enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil na Europa. Foi lançado candidato à presidência da República, declinando em favor de Afonso Pena. Deixou várias publicações jurídicas. *Dicionário de História do Brasil*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976. p. 109.

¹⁴ SODRÉ, Nelson Werneck, op. cit., p. 204.

¹⁵ Robert Moses Pechman, em seu livro *Cidades estritamente vigiadas o detetive e o urbanista*, refere-se à influência da obra de Sue em diversos países. No Brasil, teve sua disseminação pelos jornais da corte em forma de romance-folhetim e depois por livros. Pechman afirma que “em setembro de 1844, *Os Mistérios de Paris* começam aparecer no jornal e, logo depois, sob a forma de livro, menos de um ano depois Eugène Sue dar por encerrada sua grande trama sobre as desgraças da classe trabalhadora de Paris. Depois desse aparecimento *do folhetim dos folhetins*, ele não parou mais de ser reproduzido (ao longo de todo o século e pelo século seguinte) e imitado. Em 1847, foram *os Mistérios do Brasil*; em



O periódico cria dois personagens que, o tempo todo, estão interagindo com os leitores: o Cabrião, amolador, maçador, importuno, pirracento; e Pipelet, o oposto, sistemático e regrado. Comparando as ilustrações da obra de Eugène Sue e de Agostini, são notórias as semelhanças.

Ainda influenciado por Sue, o *Cabrião* dirige suas críticas para o poder da Igreja e particularmente dos jesuítas por meio de diversas caricaturas, textos variados, folhetins como “as Instruções secretas dos Padres da Companhia de Jesus”.

O seu cabeçalho nos remete às influências de personagens do carnaval europeu. Neste visualizamos Agostini de costas, pintando, montando inicialmente sobre um pássaro semelhante a um morcego, mas, posteriormente, substituído aparentemente por uma águia e rodeado de personagens mascarados, que utilizam lança-perfume, crayon, o livro e o cachimbo que lembram personagens da *Comédia Dell’arte*.

Com o surgimento de o *Diabo Coxo* e o *Cabrião*, os humoristas se voltam para o cotidiano urbano e ao modo de vida dos paulistanos em transformação. É importante destacar como estas publicações constroem as representações da cidade nesse momento, os problemas das enchentes, as ruas esburacadas, a higiene, os desmandos locais que passam a ser visualizados e ao mesmo tempo questionados. As discussões em torno do progresso e o atraso gerado, principalmente, pelo impacto da introdução da primeira linha férrea em São Paulo, *The São Paulo Railway Company*, ganham também espaço nas páginas desses periódicos.

Esta imprensa, também, coloca-se, enquanto espaço de disseminação de uma produção literária satírica com forte influência principalmente do romantismo e do realismo. Tendo como interlocutores em grande parte estudantes da Faculdade de Direito, muitos dos quais, futuros políticos e escritores que se tornaram famosos, como: Bernardo Guimarães, Álvares e Aluisio de Azevedo, Fagundes Varela, Martins Pena, Valentim Magalhães, Olavo Bilac, Raul Pompéia entre outros.



Ao introduzir a caricatura litográfica e desenvolver uma narrativa mais ágil, de humor produzido por cronistas, em sintonia com as novidades tecnológicas do momento como: o telégrafo, a ferrovia que começam a fazer parte do cotidiano das pessoas. O *Diabo Coxo* e o *Cabrião* marcam o início de uma nova fase da imprensa humorística em São Paulo na busca por novos campos temáticos e na reflexão sobre as transformações da vida urbana naquela conjuntura.

Assim, neste trabalho, procurou trazer para discussão materiais que possibilitam indagar sobre temas da história de São Paulo desse momento, nem sempre visíveis, como: as resistências às inovações tecnológicas, as tensas adaptações às formas do viver urbano, os debates e combates políticos entre os diversos jornais do momento expressas e representadas pela narrativa humorística nestes periódicos. Nada melhor que o olhar crítico dos humoristas e caricaturistas para colocar em dúvida a eficácia desses novos ventos da “modernidade” que se anunciam.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Da mecânica ao motor: a idéia de natureza no Brasil no final do século XIX. *Projeto História Natureza e poder*, São Paulo, V. 23, p. 151-167, nov. 2001.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *São Paulo imperial: a cidade em transformação*. São Paulo: Arké Editora, 2004.

BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. 2005. 344 f. Tese (Doutorado em história Social) Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas (SP).

BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da cidade São Paulo*. Volumes 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.



CAGNIN, Antonio. Foi o Diabo! In: *Diabo Coxo – 1864-1865*. Edição fac-similar, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 09-19.

_____. Diabo Coxo, o primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo (1864-1894) *D. O. Leitura*, São Paulo, 13(149), out. 1994.

CAMPOS, Eudes. São Paulo desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império. In: PORTA, Paula (org.) *História da Cidade São Paulo*. Vol. 2 I. Império. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004

CARVALHO, Afonso José. São Paulo antigo (1882-1886). *Revista do IHGSP*, São Paulo, V. 61, p. 47-64, 1942.

CRUZ, Heloisa de Faria A imprensa paulistana: do primeiro jornal aos anos 50. In: PORTA, Paula (org.) *História da cidade São Paulo – a cidade no Império 1823-1889*. V. 2. São Paulo: 2004. p. 351-386

_____. *São Paulo em papel e tinta periodismo e vida urbana -1890-1915*. São Paulo: educ/FAPESP, 2000.

DUARTE, Paulo. *História da implantação da imprensa de São Paulo..* São Paulo: ECA – USP, 1972

FREHSE, Fraya. *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: Edusp, 2005.

FREITAS, Afonso A de. Imprensa periódica em São Paulo. *Revista do instituto histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v.19, p. 428, 1914.

GALLOTTA, Brás Ciro. *São Paulo aprende a rir a imprensa humorística entre 1839-1976*. 2006. 314 f. Tese (Doutorado em história social) Programa de Estudos Pós-Graduados em História da pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC- SP, São Paulo.

_____. Cronologia 1823-1889. In: PORTA, Paula (org.) *História da cidade São Paulo – a cidade no Império 1823-1889*. V. 2. São Paulo: 2004.

GLEZER, Raquel. São Paulo e a elite letrada brasileira no século XIX. *Revista Brasileira de história*. São Paulo, v. 12, n.3-24, p.19-30 set 1991/ago.1992.

GOMBRICH, E. H. O arsenal do caricaturista. In: GOMBRICH, E. H. *Meditações sobre um cavaleiro de pau e outros ensaios sobre a teoria da arte*. São Paulo: Edusp, 1999, p.127-142

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 5 Vols,Rio de Janeiro: José Olympo, 1963



MACHADO, Antonio de Alcântara. *Prosa preparatória & cavaquinho e saxofone*. (obras V.1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo Séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOBRE, Freitas. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo: Edições Leia, 1950

OLIVEIRA, João Gualberto. *Nascimento da imprensa paulista*. São Paulo: Ed. Do autor, 1978

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal – 1864-1910*. 2006. 324 f. Tese (Doutorado em história Social) Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas o detetive e o urbanista*. São Paulo: Casa da Palavra, 2002.

SANTOS, Délio Freire dos. *O Cabrião e a imprensa humorística do Império (esboço histórico da caricatura e do jornalismo humorístico)*. São Paulo: s.e., s.d. datilografado.

SILVA, Marcos Antonio da. *A caricatura no Brasil (o desenho de humor)*. São Paulo: Museu Lasar Segal, 1979.

_____. O trabalho da linguagem. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 6, n. 11, p. 45-61, set.1985/fev. 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4^a ed., Rio de Janeiro, Mauad, 1999.